

A municipalização do ensino

SUNIA ROYSEN

A propósito do artigo do prof. Paulo Nathanael, publicado no dia 12/3/89 na seção *Idéias em Debate* sobre a municipalização do ensino, salta aos olhos que a sua postura significa antes de tudo que: "Democratas são os que pensam como eu e todos os outros são antidemocratas e palpiteiros". Assustou-me principalmente a frase de Anisio Teixeira, citado por Paulo Nathanael: "O professor de nomeação e Lealdade local...", isto não poderá significar, implicitamente, que os professores "não leais" à nova ideologia local, emergente, deverão ser substituídos?

Tendo exercido o magistério, tanto no interior como na capital de São Paulo, por um período superior a 10 anos, não me considero "um palpiteiro" nesta questão crucial da municipalização do ensino. A discussão mais ampla deste tema precisa penetrar em cada lar consciente do papel da escola e da família, com os seus valores ético-culturais para a prática da cidadania.

Considero que a aplicação e principalmente a elaboração da lei que rege a municipalização do ensino, poderia facilmente fazer parte dos absurdos enfeixados no livro de Sirkkin: "Breve introdução à História da Estupidez Humana".

Vamos analisar a situação com exemplos concretos, tentando canalizar a discussão para o campo técnico: 1) A manipulação dos mecanismos pedagógicos para veicular a ideologia do prefeito e do partido que o respalda:

Vamos considerar, apenas para ilustração, dois municípios vizinhos, como Mairiporã e a capital de São Paulo. Parte significativa da população reside em Mairiporã e trabalha na capital de

São Paulo, podendo ocorrer a mudança da família para a capital, por motivos financeiros. Atualmente, Mairiporã tem um prefeito do PDS e pela nova legislação da municipalização do ensino deve utilizar os seus recursos psicopedagógicos em "integrar a criança e o pré-adolescente à sua realidade socio-económica", o que vale dizer que receberão uma visão político-ideológica do PDS, com todos os seus defeitos e virtudes. E, se transferidos para a capital de São Paulo, vão entrar em contacto com "outra realidade social", ou seja, serão submetidos a nova lavagem cerebral e desta vez voltada para a ideologia petista.

Agora imaginem estas populações flutuantes que, em municípios menores, mas não menos significativos e expressivos como a capital de São Paulo e Mairiporã, têm que ser acompanhados por seus filhos e em espaços de um ou dois anos trocam de cidades-base.

A considerar a municipalização do ensino, o que vamos encontrar é tantos Brasis diferentes, quanto as ideologias seguidas e explicitamente aplicadas em seus currículos "incrustados na realidade sócio-política de seus municípios".

Não estou preocupado aqui, se o município A ou B segue a doutrinação marxista ou capitalista nos seus currículos escolares, mas em saber quantas destas ideologias e as suas mudanças, tanto no tempo (pelas eleições de 4 em 4 anos), como no espaço (mudança de município) poderão alterar (e aqui a gravidade do problema), as relações e a integração do jovem na sociedade da qual pretende ser parte. Utilizei como exemplo radical, as populações em trânsito, que do ponto de vista estatístico, podem não representar números significativos, mas que bem ilustra o uso e abuso da municipalização do ensino.

* 8 ABR 1989

**CONHECEMOS BEM
OS NOSSOS POLÍTICOS!**

Sempre o que entra procura "apagar o rastro", do que lhe antecedeu e deixa a "caixa vazia", o município falso para aquele que o suceder, "inchando a máquina burocrática e assumindo, em nome do município, endividamentos que comprometem o orçamento, principalmente se o seu sucessor for de outro partido, o que vale dizer de outra ideologia.

Não será surpresa, se dentro deste esquema de municipalização do ensino, começar a ocorrer a substituição do livro didático, especialmente nas áreas de Biologia, História e Geografia para apostilas e encartes mimeografados, "atualizando" dentro das ideologias localizadas "as correções histórico-sociológicas".

Na área de Biologia, utilizando como cenário a ecologia e a sua projeção na conservação dos recursos naturais, já "embutido" o pacotão da luta de classes. Na área de História, "resgatando" os "mártires" do terrorismo internacional, já decantados como heróis em histórias em quadrinhos e na área de Geografia os "pastorais da terra" no seu "chamamento" à reforma agrária na "terra dos outros", porque as suas terras vão continuar intocáveis.

Seria uma importante contribuição para o debate se o jornal *O Estado de São Paulo* "convidasse uma equipe de jornalistas para aprofundar este tema, a primeira vista superficial e pitoresca, mas em profundidade dramático, para se entender como se pretende transferir para o educando, as raízes de uma nacionalidade.

Sunia RoySEN é biólogo e professor